



PARA LER (PO)ETICAMENTE O IMAGINÁRIO OCEÂNICO

PARA LEER (PO)ÉTICAMENTE EL IMAGINARIO OCEÁNICO

TO (PO)ETHICALLY READ THE OCEANIC IMAGINARY

Lucas Lins¹

Kaciano GADELHA² (em memória)

Lúcia ANELLO³

RESUMO

fundada em e circunscrita a um exercício performativo de uma suposta neutralidade da linguagem científica, a Oceanografia, inserida no que se tem chamado de Ciências do Mar, tem se mostrado, apesar de insurgências contra-hegemônicas, fixada aos pilares onto-epistemológicos da modernidade, (re)produzindo e fazendo reproduzir, em sua formação acadêmico-profissional, discursos e condutas que perpetuam e fortalecem as estruturas colonizadas e colonizadoras do Mundo Ordenado, silenciando outras narrativas. dado que essa configuração tem se mostrado, além de fechada em si mesma, insuficiente em responder questões mais complexas, (me)

¹ bacharel em Oceanologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil; carneebatatas@hotmail.com.

² doutor em Sociologia pela Universidade Livre de Berlim; professor do Instituto de Ciências Humanas e da Informação na Universidade Federal do Rio Grande (ICHI-FURG); coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI-FURG), Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. Falecido em dezembro de 2021.

³ doutora em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA-FURG); professora do Instituto de Oceanografia na Universidade Federal do Rio Grande (IO-FURG); pró-reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas (PROGEP-FURG), Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil; luciaanello@hotmail.com.

proponho a pensar, aqui, a partir de posicionamentos críticos situados, normativo-dissidentes, feministas, queer/cuír, antirracistas, anticapitalistas, ambientalistas, de(s)coloniais, mas principalmente pela poética negra feminista, para além de um diálogo (que sempre-já ocorre) entre o campo e as ditas Ciências Humanas e Sociais, de outro modo, especulando a propósito da (ao mesmo tempo que busco rasgar e encontrar as aberturas para a) possibilidade de uma relação implicada nos/com os ambientes aquáticos, costeiros, oceânicos, mergulhando, para isso, nas ficções do imaginário coletivo esvaziado de outras componentes que não as concepções estruturantes desse arquivo oceânico, tomando como proposição (po)ética a rota (de fuga) de uma oceanologia do mundo implicado, que busca se posicionar de modo a não repetir as configurações fractais da violência colonial/racial/capital constituintes próprias do sistema do Mundo Ordenado.

Palavras-chave: Onto-epistemologias dissidentes; Oceanologia do mundo implicado; Oceanografia socioambiental

RESUMEN

fundada en y circunscrita a un ejercicio performativo de una supuesta neutralidad del lenguaje científico, la Oceanografía, insertada en lo que se ha dado en llamar de Ciencias del Mar, se ha mostrado, a pesar de insurgencias contrahegemónicas, fijada a los pilares onto-epistemológicos de la modernidad, (re)produciendo y haciendo reproducir, en su formación académico-profesional, discursos y conductas que perpetúan y fortalecen las estructuras colonizadas y colonizadoras del Mundo Ordenado, silenciando otras narrativas. dado que esta configuración se ha mostrado, además de cerrada en sí misma, insuficiente para dar respuesta a cuestiones más complejas, (me) propongo a pensar, aquí, desde posiciones críticas situadas, normativo-disidentes, feministas, queer/cuír, anti-

racistas, anti-capitalistas, ambientalistas, de(s)coloniales, pero principalmente por la poética negra feminista, más allá de un diálogo (que siempre-ya ocurre) entre el campo y las llamadas Ciencias Humanas y Sociales, de lo contrario, especulando sobre la (al mismo tiempo que busco desgarrar y encontrar las aberturas para la) posibilidad de una relación implicada en/con los ambientes acuáticos, costeros, oceánicos, buceando, para esto, en las ficciones del imaginario colectivo vaciado de otros componentes que no las concepciones estructurantes de este archivo oceánico, tomando como proposición (po)ética la ruta (de escape) de una oceanología del mundo implicado, que busca posicionarse a no repetir las configuraciones fractales de la violencia colonial/racial/capital constituyentes propias del sistema del Mundo Ordenado.

Palabras clave: onto-epistemologías disidentes; oceanología del mundo implicado; oceanografía socioambiental

ABSTRACT

founded on and circumscribed to a performative exercise of a supposed neutrality of scientific language, Oceanography, inserted in what has been called Sea Sciences, has shown itself, despite counter-hegemonic insurgencies, fixed to the onto-epistemological pillars of modernity, (re)producing and making reproduce, in its academic-professional qualification, discourses and behaviors that perpetuate and strengthen the colonized and colonizing structures of the Ordered World, silencing other narratives. given that this configuration has shown itself, in addition to being closed in itself, insufficient to answer more complex questions, here, i propose (myself) to think from situated critical, normative-dissident, feminist, queer/cuír, anti-racist, anti-capitalist, environmentalist, de(s)colonial positions, but mainly through black feminist poethics, beyond a dialogue (which always-already occurs) between the field and the so-called

Human and Social Sciences, otherwise, speculating about the (at the same time that I seek to tear and find the openings for a) possibility of a relationship in implication in/with the aquatic, coastal, oceanic environments, diving, for this, in the fictions of the collective imaginary emptied of other components than the structuring conceptions of this oceanic archive, taking as (po)ethical proposition the (escape) route of an oceanology of the implicated world, which seeks to position itself so as not to repeat the fractal configurations of colonial/racial/capital violence inherent constituents of the system of the Ordered World.

Keywords: dissident onto-epistemologies; oceanology of the implicated world; socioenvironmental oceanography

1. (des)navegando⁴

e, ai, eu vejo-te (nos barcos a morrer)
e, ai, eu vejo-te (nos barcos nascer)
e, ai, eu vejo-te (nos barcos a passar)
e ai, eu vejo-te nos barcos a afundar...
pra qu'ê que eu 'inda olho para o mar?
se eu já sei como é...

Conan Osiris, Barcos (Barcos)

transitando pelas áreas das Ciências Exatas e da Terra, Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Engenharias e, também, o que se denomina área Multidisciplinar⁵, as Ciências do Mar têm uma trajetória em grande parte pautada pelo paradigma do “descobrimento”: uma história narrada por uma vinculação retórica às “Grandes

⁴ enquanto posicionamento acadêmico-político-estético-poético, faço nota da escolha de grafar tanto meu nome quanto o texto em letras minúsculas, tal como proposições e projetos de autoras como tatiana nascimento, bell hooks, e Audre Lorde. da mesma forma, escolho redigir esse texto em desacordo ortográfico à norma de 1990.

⁵ KRUG, Luiz Carlos. O Ensino de Ciências do Mar no Brasil. In: CALAZANS, Danilo (Org.). *Estudos Oceanográficos: do instrumental ao prático*. Pelotas: Textos, p. 8-15, 2011; CASTELLO, Jorge Pablo & KRUG, Luiz Carlos. As Ciências do Mar. In: CASTELLO, Jorge Pablo & KRUG, Luiz Carlos (Orgs.). *Introdução às Ciências do Mar*. Pelotas: Textos, p. 10-24, 2017.

Navegações”, a conhecimentos e expedições científicas “mais bem organizadas”⁶, e, principalmente para o que se entende e se aplica atualmente em termos de “fronteiras do conhecimento”, às investidas militares tecnológicas desenvolvidas em contextos de guerra⁷.

calcadas em um modo de pensar (que é também de atuar sobre, assim como de se relacionar com) pautado pelo que se fez sub-camada persistente do projeto de modernidade empreendido pelo colonialismo europeu nos séculos XV a XVI, isto é, a colonialidade (a outra face da modernidade)⁸, as Ciências do Mar permanecem no exercício de produção e reprodução de um discurso atuante nos empreendimentos científicos do Mundo Ordenado, isto é, o Mundo tal como nos foi dado a conhecer⁹, afluindo, nos espaços oceânicos, em um imaginário firmado na compreensão de infinitude e inesgotabilidade, tanto no que se refere ao seu tamanho quanto do que se tem chamado de seus recursos¹⁰, assim como por uma noção de aqua nullius, isto é,

⁶ CASTELLO, Jorge Pablo & KRUG, Luiz Carlos. As Ciências do Mar. In: CASTELLO, Jorge Pablo & KRUG, Luiz Carlos (Orgs.). *Introdução às Ciências do Mar*. Pelotas: Textos, 2017, p. 20.

⁷ DELOUGHREY, Elizabeth. Heavy waters: waste and Atlantic Modernity. *Publications of the Modern Language Association of America*, Baltimore, v. 125 n. 3, p. 703-712, 2010; CASTELLO, Jorge Pablo & KRUG, Luiz Carlos. As Ciências do Mar. In: CASTELLO, Jorge Pablo & KRUG, Luiz Carlos (Orgs.). *Introdução às Ciências do Mar*. Pelotas: Textos, p. 10-24, 2017; MOURA, Gustavo Goulart Moreira. Construção da crítica à Oceanografia Clássica: contribuições a partir da Oceanografia Socioambiental. *Revista Ambiente & Educação*, Rio Grande, v. 24, n. 2, p. 13-41, 2019.

⁸ MIGNOLO, Walter. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. Tradução: Marco Oliveira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 32, n. 94, p. 1-18, 2017.

⁹ FERREIRA DA SILVA, Denise. Sobre Diferença sem Separabilidade. In: VOLZ, Jochen; REBOUÇAS, Júlia (Orgs.). *32ª Bienal de São Paulo: Incerteza Viva* (Catálogo). São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, p. 57-65, 2016; FERREIRA DA SILVA, Denise. *A dívida impagável*. Tradução: Amilcar Packer, Pedro Daher. São Paulo: Oficina de Imagem Política, Living Commons, 2019.

¹⁰ KRUG, Luiz Carlos. O Ensino de Ciências do Mar no Brasil. In: CALAZANS, Danilo (Org.). *Estudos Oceanográficos: do instrumental ao prático*. Pelotas: Textos, p. 8-15, 2011; CASTELLO, Jorge Pablo & KRUG, Luiz Carlos. As Ciências do Mar. In: CASTELLO, Jorge Pablo & KRUG, Luiz Carlos (Orgs.). *Introdução às Ciências do Mar*. Pelotas: Textos, p. 10-24, 2017; COSTA-FREDO, Gisele & FERREIRA, Washington. Onde a Educação Ambiental e a Oceanografia se (Des)Encontram?. *Revista Ambiente & Educação*, Rio Grande, v. 24, n. 2, p. 139-161, 2019; MOURA, Gustavo Goulart Moreira. Construção da crítica à Oceanografia Clássica: contribuições a partir da Oceanografia Socioambiental. *Revista Ambiente & Educação*, Rio Grande, v. 24, n. 2, p. 13-41, 2019; FLORIANO DOS SANTOS, Caio; MARTINS, Mariana Santos Lobato; MASCARELLO, Marcela de Avellar. Oceanografia Socioambiental: o que queremos com isso?. *Revista Ambiente & Educação*, Rio Grande, v. 24, n. 2, p. 41-67, 2019.

uma água que a ninguém pertence, uma tela “em branco” a ser atravessada, conquistada e explorada¹¹, de acordo com a narrativa colonial.

esse modo de pensar e agir, informado por e em consonância com o modo de operação implementado por uma Ciência de tradição positivista-cartesiana, tem atuado nos espaços oceânicos através de uma lógica mecanicista (isto é, entendendo o Mundo como máquina), cumulativa e tecnicista do conhecimento, assim como por uma dinâmica extrativista, utilitarista e monocultural, pautada pela imaginação de um realismo científico – isto é, uma imaginação que, instaurada pelo poder, não é apenas instrumento de leitura e interpretação do Mundo, mas também de descrição¹² deste e de seus aspectos em um regime de verdade¹³ – que barra as margens e as fronteiras para se imaginar e imagear o Mundo outramente. refletindo sobre esse aspecto, torna-se relevante colocar que, desse modo, “[o] poder opera por ficções, que não são apenas textuais, mas estão materialmente engajadas na produção do mundo”¹⁴, e que, por isso, constitui-se enquanto “cimento do mundo” na medida em que, antes do Mundo tal qual o conhecemos ser construído, este foi imaginado, como projeto político-arquitetônico. “[e] aí reside o poder das ficções”¹⁵.

nessa perspectiva, a construção linear da ficção (tornada concreta) que toma o espaço oceânico como palco fluido da modernidade (isto é, como caminho facilitador), não toma em conta, em contrapartida, os limites epistêmicos do exercício oceanográfico (de mapear e circunscrever) frente à “imensidão da história oceânica, a qual, paradoxalmente, é retratada no cronotopo condensado do casco de um navio de

¹¹ DELOUGHREY, Elizabeth. Heavy waters: waste and Atlantic Modernity. *Publications of the Modern Language Association of America*, Baltimore, v. 125 n. 3, p. 703-712, 2010; BONA, Dénètem Touam. *Cosmopoéticas do refúgio*. Tradução: Milena P. Duchiate. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2020.

¹² para as práticas científicas (de tradição européia), é importante demarcar a descrição como técnica, como ferramenta (propriamente) de exercício de uma onto-epistemologia da relação pra com o Mundo externo do sujeito, esse conhecedor ao informar, a partir de sua observação, quais as formas e como se caracteriza (e se organiza, se categoriza) o Mundo externo a si, em um processo isento de subjetividade, isto é, neutro, uma vez que o sujeito, nesse exercício, apenas descreve o que vê, sem teoricamente impor juízo sobre, ou se relacionar com as formas do Mundo.

¹³ DICKEN, Paul. *A Critical Introduction to Scientific Realism*. Londres: Bloomsbury Academic, 2016.

¹⁴ MOMBAÇA, Jota. *Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência*. São Paulo: Oficina de Imaginação Política, Fundação Bienal de São Paulo, 2016, p. 4.

¹⁵ *Ibidem* p. 5.

escravização”¹⁶, constituindo-o, também, enquanto fruto da modernidade. isto é, “[a] história dos oceanos não poderia nunca ser limitada à história do colonialismo europeu e estadunidense”¹⁷.

cabe colocar, assim, sobre o poder da linguagem, o poder do discurso na produção do Mundo. sendo mais que palavras, o discurso deve ser entendido, também, enquanto ação, na medida em que projeta n(o) Mundo, sua própria ficção (leitura) de Mundo. o texto oceânico, oceanográfico, oceanológico, imerso no texto moderno, não apenas diz do/sobre o oceano (o descreve), mas o produz enquanto instância oceânica, a partir dessa força ambivalentemente criadora e ordenadora. assim, não sendo apenas utilizada para descrever o mundo, a linguagem, sendo também performativa, produz o Mundo ao passo que, ao enunciar, realiza, neste, ações concretas. quando (re)produzido, o discurso age na via da sua própria reiteração, isto é, sua “cimentação” do/no Mundo, reforçando as estruturas que o constituem da forma tal qual o conhecemos, gerando, repetindo, e reforçando as normativas/normatividades¹⁸. ao instaurá-las, encená-las, reencená-las no concreto e no imaginário da gramática normativa, essa performatividade (aqui oceanográfica, mas estendida a todo o fazer científico pautado pela linguagem e perspectiva positivista-cartesiana-mecânica) instala quais são as condutas e os discursos tornados possíveis, assim como aqueles que não, tanto no sentido de capacidade de existência quanto de permissibilidade e aceitação¹⁹.

desse modo, parece se tornar mais evidente a operação da colonialidade dentro desse pensar-falar-fazer-reproduzir oceanográfico, isto é, de que forma opera, dentro do e aplicado ao campo do saber das Ciências do Mar, essa

¹⁶ DELOUGHREY, Elizabeth. Heavy waters: waste and Atlantic Modernity. *Publications of the Modern Language Association of America*, Baltimore, v. 125 n. 3, 2010, p. 704, tradução minha, na qual, ao invés de aplicar o termo “navio negreiro” na tradução para “slave ship”, escolhi evidenciar o caráter impositivo tanto do processo e ação histórica quanto do discurso naturalizante da condição de escravização ao corpo negro.

¹⁷ LAMBERT, Léopold. Introduction: The Ocean... from the Black Atlantic to the Sea of Islands. *The Funambulist: Politics of Space and Bodies*, Paris, v. 39, 2022, p. 15, tradução minha.

¹⁸ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

¹⁹ cabe aqui a discussão sobre quem pode falar dentro do campo científico, onde se estabelecem as relações de subalternização (binárias) entre universal/específico, objetivo/subjetivo, neutro/pessoal, racional/emocional, imparcialidade/parcialidade, fato/opinião, conhecimento/experiência, em suma, científico/acientífico como nos coloca Grada Kilomba (2019).

emergência de uma estrutura de controle e administração de autoridade, economia, subjetividade e normas e relações de gênero e sexo, que eram conduzidas pelos europeus (atlânticos) ocidentais (...) tanto nos seus conflitos internos como na sua exploração do trabalho e expropriação de terras²⁰,

dando-se menos pelo exercício individual subjetivo (e moral), mas mais pela reprodução do que é propriamente constituinte do campo. assim, a perspectiva da performatividade da colonialidade evidencia como os “resquícios da colonização”²¹ permanecem agindo, na esfera psicanalítica do inconsciente, “sobre os desejos, sobre a imaginação, a forma de ver e de narrar o mundo”²², reiterando coletiva, social, e cientificamente as configurações das estruturas de poder moderno/coloniais (e, com isso, todas as suas instâncias hierárquicas normativas, que são, portanto, racistas, classistas, capacitistas, sexistas, cisheterogenerificadas, andro e antropocentradas). me colocando nesse jogo de pesquisa – que, mais que separar, segrega esse tal binômio sujeito/objeto –, enquanto dissidente do regime normativo, tenho me questionado sobre as possibilidades de um exercício oceanográfico que, dentro de um campo pautado por esses preceitos, atente para perspectivas mais situadas, indagando sobre (e, ao mesmo tempo, propondo) a possibilidade de uma oceanografia queer/cuir e decolonial²³, conjuntamente às discussões, proeminentes no campo das Ciências Humanas e Sociais, dos feminismos, estudos de gêneros, perspectivas queer/cuir, antirracistas, de(s)coloniais. porém, me deparando com o fato de que, “ainda que se esforcem por esconder, a Oceanografia dialoga com as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas desde a sua fundação”²⁴, me questiono sobre a

²⁰ MIGNOLO, Walter. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. Tradução: Marco Oliveira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 32, n. 94, 2017, p. 4-5.

²¹ falo aqui de resquícios da colonização entre aspas porque, datando na linha do tempo, o processo de colonização teve seu fim; porém, pensando em termos de colonialidade e de re-adaptação das estruturas ordenantes do Mundo, faz mais sentido pensar em novas configurações coloniais, o que, portanto, faz cair por terra a noção de resquícios, mas evidencia, assim, uma continuidade.

²² FELDHUES, Marina & AFONSO DA SILVA JÚNIOR, José. A história do Outro em Gênese de Sebastião Salgado: uma leitura anticolonial do capítulo Tribos de Irian Jaya, Indonesia. *Interin*, Curitiba, v. 25, n. 2, 2020, p. 119.

²³ lins, lucas. uma oceanografia decolonial e cuir é possível?. In: XII ENCONTRO E DIÁLOGOS COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL (EDEA): Educação Ambiental no contexto das múltiplas crises: Que mundo queremos?, 3 a 26 nov. 2020, Rio Grande. *Anais [...]*. Rio Grande: FURG, p. 32-46, 2021.

²⁴ MOURA, Gustavo Goulart Moreira. Avanços em Oceanografia Humana e o socioambientalismo nas ciências do mar. In: MOURA, Gustavo Goulart Moreira (Org.). *Avanços em Oceanografia Humana: O Socioambientalismo nas Ciências do Mar*. Jundiaí: Paco, 2017, p. 7.

possibilidade de operação de uma oceanografia que não forneça repetições imbricadas, infinitas (e, por isso, fractais) dos elementos políticos, econômicos, e éticos próprios da violência capital racial constituinte do Mundo Ordenado e de seu maquinário (e imaginário) colonial²⁵.

talvez, dado que (o modo de fazer d)a Oceanografia tem “se (a)credita[do] como única potência epistemológica capaz de interpretar a natureza de forma total, completa e homogênea, negando a alteridade de outras interpretações sobre o ambiente”²⁶, esta se apresente como insuficiente em sua capacidade de responder (enquanto afetabilidade e responsabilidade, mais do que em responsividade) questões fora deste receituário. talvez, minha resposta esteja fora não apenas de uma epistemologia, mas de uma ontologia própria do pensamento hegemônico.

2. como respirar debaixo d'água?

partindo das perguntas e proposições de uma conversa pública entre Jota Mombaça e Cintia Guedes²⁷, reflito sobre uma metodologia que busque (metafórica e poeticamente) mergulhar e, no contato com as partículas não só de água, mas dos outros elementos que compõem os oceanos e corpos aquáticos, se (me) implicar nas/com as memórias, mais que subterrâneas²⁸, submersas. para além da interface oceano-atmosfera observada, busco me debruçar sobre esse arquivo do imaginário oceânico que, como arquivo histórico, composto pela linguagem científica oceanográfica, apresenta aspectos tanto quanto invisibiliza e não mostra (ou

²⁵ FERREIRA DA SILVA, Denise. O evento racial ou aquilo que acontece sem o tempo. In: PEDROSA, Adriana; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André; SANTORO, Artur; MENEZES, Hélio; SCHWARCZ, Lília Moritz; TOLEDO, Tomás. (Orgs.). *Histórias Afro-atlânticas: vol. 2*. São Paulo: MASP, Instituto Tomie Ohtake, p. 407-411, 2018; FERREIRA DA SILVA, Denise. *A dívida impagável*. Tradução: Amilcar Packer, Pedro Daher. São Paulo: Oficina de Imaginação Política, Living Commons, 2019.

²⁶ MOURA, 2014, apud BITTENCOURT, Carolina Amorim da S.; ROSA, Rogério Reus Gonçalves da; MOURA, Gustavo Goulart Moreira. Festa dos Navegantes e Iemanjá: a oceanografia transpassada por uma episteme mitológica. In: MOURA, Gustavo Goulart Moreira (Org.). *Avanços em Oceanografia Humana: O Socioambientalismo nas Ciências do Mar*. Jundiaí: Paco, 2017, p. 116.

²⁷ organizada pelo AfrotonizarLAB (Disponível em: <http://youtu.be/bZgRGmB2oUM>; Acesso em: 11 out. 2021).

²⁸ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

consegue mostrar) outros, principalmente aqueles inscritos na memória e nos corpos, deixando lacunas²⁹, mas também cristalizando, pelo autoproclamado (imperial) direito de olhar (e destruir)³⁰, um aparato estético do Mundo Ordenado sobre o(s)/no(s) oceano(s).

compreendendo o arquivo como “uma noção da epistemologia colonial, que conhecemos também com o corpo (...), a partir do qual produzimos imagens e memórias, assim como resgatamos alguns fios desse emaranhado espacial e temporal”³¹, entendo que essa metodologia, sempre-já implicada em uma discussão crítica, está entrelaçada a uma revisão bibliográfica narrativa que busca se colocar em contraposição às propostas (e) normativas do pensamento linear. situando-me em perspectivas contra-hegemônicas, me debruço não apenas sobre o que se expressa enquanto formação teórico-prática dentro das Ciências do Mar, mas também (e principalmente) sobre as discussões, teóricas e práticas, das dissidências da área das Ciências Humanas e Sociais que, sempre-já implicadas nesse fazer oceanográfico, permanecem “congeladas” em colonialidades que não inter/rompem com a “repetição característica de padrões fractais”³².

a partir de uma perspectiva composicional, ou fractal, como metodologia de leitura, tenho como intenção (e interesse) esse exercício de re/de/compor as imagens, os imageamentos, e o imaginário oceânico para além das três dimensões (espaço, tempo, forma; profundidade, comprimento, altura), sem buscar correspondências, no tempo, entre causa e efeito, também não constituindo respostas determinadas, universais, e rígidas que dependam da repetição, não se colocando, por fim, na indiferença à violência capital racial do maquinário (e imaginário) colonial³³.

²⁹ HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. *Revista ECO-Pós*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 12-33, 2020.

³⁰ AZOULAY, Ariella Aïsha. Undoing Imperial Modernity. In: RUBINSTEIN, Daniel (Ed.). *Fragmentation of the Photographic image in the Digital Age*. Nova Iorque: Routledge, p. 28-42, 2020.

³¹ GADELHA, Kaciano. Notas de um arquivo queer. *Revista Interdisciplinária de Estudos de Gênero de El Colegio de México*, México, v. 7, 2021, p. 6.

³² FERREIRA DA SILVA, Denise. Pensamento fractal. Tradução: Mariana dos Santos, Nicolau Gayão. *PLURAL*, São Paulo, v. 27, n. 1, 2020, p. 213.

³³ FERREIRA DA SILVA, Denise. Pensamento fractal. Tradução: Mariana dos Santos, Nicolau Gayão. *PLURAL*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 206-214, 2020; FERREIRA DA SILVA, Denise & DESIDERI, Valentina. Leituras (Po)éticas. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, n. 19, p. 61-70, 2016.

à possibilidade de ler o que não está explícito, de preencher as lacunas a partir de um imageamento (po)ético criativo que olhe e se relacione para além do visível, busco problematizar e tematizar uma (po)ética do imaginário oceânico a partir das relações em implicação. a intenção, portanto, é a de “uma práxis ético-política criativa”³⁴.

3. mergulho

o exercício deste regime do realismo científico, portanto, lança ao/no Mundo uma narrativa que, configurando-se enquanto possibilidade ímpar, esculpe-se enquanto hegemonia, uma narrativa única³⁵ que, no exercício performativo do projeto moderno/colonial (cuja linguagem normativa é o que foi fundado enquanto Ciência), permanece (re)encenando os pilares onto-epistemológicos do pensamento moderno³⁶, isto é, a separabilidade, a determinabilidade, e a seqüencialidade³⁷, versando continuamente sobre os fundamentos de uma linguagem do Mundo (Ordenado) pautada sobre as formas possíveis e justas (em seu sentido ético) de conhecer.

esse *Modus Scientificum*, informado pelas leituras mecânico-newtonianas e evolucionário-darwinianas do Mundo, encontram, principalmente nos pensamentos kantiano e hegeliano, um desenho sistemático que, baseado na Razão enquanto descritor determinante da condição humana, permanece influenciando os projetos epistemológicos e éticos contemporâneos de modo interrelacionado, compondo-se de:

separabilidade, (...) a idéia de que tudo o que pode ser conhecido sobre as coisas do mundo está compreendido pelas formas (espaço e tempo) da intuição e as categorias do Entendimento (quantidade, qualidade, relação, modalidade) (...) [e] tudo o mais a respeito delas permanece inacessível e é irrelevante para o conhecimento; (...) determinabilidade, a idéia de que o

³⁴ FERREIRA DA SILVA, Denise & DESIDERI, Valentina. Leituras (Po)éticas. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, n. 19, 2016, p. 63.

³⁵ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Tradução: Juliana Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

³⁶ LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, p. 8-23, 2005.

³⁷ FERREIRA DA SILVA, Denise. Sobre Diferença sem Separabilidade. In: VOLZ, Jochen; REBOUÇAS, Júlia (Orgs.). *32ª Bienal de São Paulo: Incerteza Viva* (Catálogo). São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, p. 57-65, 2016; FERREIRA DA SILVA, Denise. *A dívida impagável*. Tradução: Amílcar Packer, Pedro Daher. São Paulo: Oficina de Imaginação Política, Living Commons, 2019.

conhecimento resulta da capacidade do Entendimento de produzir constructos formais, que ele pode usar para determinar (isto é, decidir) a verdadeira natureza das impressões sensíveis compreendidas pelas formas da intuição; [e] seqüencialidade, que descreve o Espírito como movimento no tempo, um processo de autodesenvolvimento, e a História como a trajetória do Espírito (...), introduz[indo] uma conformação temporal da diferença cultural como realização de momentos distintos do desenvolvimento do Espírito, cujo ápice seria representado pelas configurações sociais europeias pós-iluministas³⁸.

esses pilares, portanto, fundamentam onto-epistemologicamente o(s) modo(s) de relação no/com o Mundo, separando-o, determinando-o, e seqüencializando-o em uma configuração Ordenada desse cronotopo, configuração de espaço-tempo que permite, assim, que o discurso sobre sua descrição se confunda com um sistema de verdade(s). nesse local da Ciência, dada a sua imbricação e implicação, as Ciências do Mar tendem a (re)produzir, sem problematizar, tal discurso em seus espaços formativos tanto teóricos quanto práticos, situando-se, ainda, como uma Ciência positivista-cartesiana-mecanicista-evolucionista³⁹, isto é, em paradigmas que auxiliam a configurar o Mundo tal qual o conhecemos, mas que, na fronteira do conhecimento se apresentam como insuficientes.

na mesma configuração (fractal) de pilarização, a Oceanografia Hegemônica (outras vezes denominada Clássica)⁴⁰ se sustenta por quatro pilares (ou ramos), que estabelecem quais as formas possíveis de se grafar o(s) oceano(s): pela Ciência Geológica, Química, Biológica e/ou Física, que representam (e se apresentam) enquanto performatividades dessas próprias estruturas enquadradas de/em si mesmas⁴¹.

³⁸ FERREIRA DA SILVA, Denise. Sobre Diferença sem Separabilidade. In: VOLZ, Jochen; REBOUÇAS, Júlia (Orgs.). *32ª Bienal de São Paulo: Incerteza Viva* (Catálogo). São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016, p. 60-61, grifos meus.

³⁹ circunscrito a um modelo kantiano-hegeliano-descartiano-newtoniano-galileano, em que se frisam quais são os nomes (dos homens) que (ainda) regem nossos modos de pensar e agir.

⁴⁰ MOURA, Gustavo Goulart Moreira. Construção da crítica à Oceanografia Clássica: contribuições a partir da Oceanografia Socioambiental. *Revista Ambiente & Educação*, Rio Grande, v. 24, n. 2, p. 13-41, 2019; COSTA-FREDO, Gisele & FERREIRA, Washington. Onde a Educação Ambiental e a Oceanografia se (Des)Encontram?. *Revista Ambiente & Educação*, Rio Grande, v. 24, n. 2, p. 139-161, 2019.

⁴¹ “quando nos ocupamos em discutir sobre as questões que aparecem no interior de um determinado quadro, o próprio quadro se torna invisível; nós nos enquadrados nele” (FERGUSON, 1993, p. 7 apud OYÉWUMÍ, 2018, p. 18).

tomando como exemplo os ramos Biológico e Físico da Oceanografia⁴², apesar das pesquisas emergentes no próprio campo científico – como os princípios da incerteza e da não localidade que, “violadoras” das “certezas”, são indicadas pelos experimentos mais recentes em relatividade e quântica, assim como perspectivas pós-estruturalistas mais proeminentes no campo das Ciências Sociais e nos Estudos de Gêneros –, o que se tem de instrumentalização na formação permanece no paradigma cartesiano-positivista (descartiano, newtoniano...) da mecânica clássica e da biológica (o determinismo biológico do modelo forma-e-função das visualidades corporais)⁴³, especialmente da teoria da evolução darwiniana e da sistematização linneana que, em seus fundamentos, partem de uma concepção de classificação e evolução humana que não (pode) deixa(r) para trás seu fundamento racista⁴⁴, uma vez que, pautada pela linearidade temporal característica do pensamento ocidental, enquadra “raças” como primitivas em comparação a outras mais “avançadas” (o que, sabemos, advém da contraposição imposta pela lógica ex-ótica⁴⁵ entre homens brancos europeus às outras sociedades humanas, vistas como não-humanas ou sub-humanas – e que, de modo geral, também se relaciona com a diferenciação hierárquica entre humanos e não-humanos –)⁴⁶.

⁴² vale notar que, estando dentro do mesmo paradigma do texto moderno – ou seja, físico-matemático, pela comunicação de “causas eficientes e demonstrações matemáticas” (FERREIRA DA SILVA, 2016, p. 61) –, os ramos da Química e Geologia estão circunscritos ao mesmo entrave, apesar de não exploradas, aqui, enquanto exemplo.

⁴³ OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. Visualizando o corpo: teorias Ocidentais e sujeitos Africanos. Tradução: wanderson flor do nascimento. [online], 2018. Disponível em: <http://tinyurl.com/tradwanflor>. Acesso em: 22 mar. 2021.

⁴⁴ FERREIRA DA SILVA, Denise. Towards a Critique of the Socio-logos of Justice: The Analytics of Raciality and the Production of Universality. *Social Identities: Journal for the Study of Race, Nation and Culture*, Abingdon, v. 7, n. 3, p. 421-454, 2001; VIEIRA, António Bracinha. Darwin e as raças humanas. *Antropologia Portuguesa*, Coimbra, v. 26/27, p. 87-96, 2010; FELDHUES, Marina. Daguerreótipo, desenho e racismo científico. *Base de Dados de Livros de Fotografia*, [online], 2020. Disponível em: <http://livrosdefotografia.org/artigos/@id/12703>. Acesso em: 26 ago. 2021; FELDHUES, Marina. Visualidade e poder: as ‘cartes de visite’ e os tipos raciais. *Base de Dados de Livros de Fotografia*, [online], 2021a. Disponível em: <http://livrosdefotografia.org/artigos/@id/18187>. Acesso em: 26 ago. 2021; FELDHUES, Marina. Fotografia, ‘tipos raciais’ e Antropologia. *Base de Dados de Livros de Fotografia*, [online], 2021b. Disponível em: <http://livrosdefotografia.org/artigos/@id/24169>. Acesso em: 26 ago. 2021.

⁴⁵ o termo ex-ótica, a quem devo o conhecimento ao colega de grupo de estudos Oscar Malta, busca abarcar não só a perspectiva da observação daquilo que é exterior ao sujeito, mas também a definição do externo pela diferença, logo, pela exotização.

⁴⁶ FERREIRA DA SILVA, Denise. Towards a Critique of the Socio-logos of Justice: The Analytics of Raciality and the Production of Universality. *Social Identities: Journal for the Study of Race, Nation*

desse modo, a configuração do Homo Modernus, pautado pelas construções de diferença (racial, cultural etc.) que se difundiram na imaginação e discurso político desde o século XIX, pautou (e ainda pauta) o projeto que se implementa, a partir das Ciências Naturais (mas/e principalmente nas Ciências da Vida), na produção do conhecimento sobre o ser humano, e, por conseqüência, sobre a sua relação no/com o Mundo, sendo componente crucial na formulação do conceito formal e universal(izante) de humanidade⁴⁷.

o insurgente ramo do que se tem se denominado Oceanografia Socioambiental – mas também identificado enquanto Oceanografia Social ou Humana⁴⁸ –, em contrapartida a esse projeto, produz-se enquanto contra-hegemônico (e, talvez por isso mesmo, encontre tanta resistência, seja nas perspectivas de incorporação no currículo por via mais descentralizada e crítica, seja por meio de disciplinas específicas na área de Educação Ambiental⁴⁹, incorporação que, em si, se pretende menos como área, e mais como novos/outros (potenciais) modos de exercício crítico da própria Oceanografia) frente aos processos de tendência que se afasta do social e da sociedade inerentes ao modelo que é seguido pela Oceanografia Clássica, trazendo, nesse sentido, questionamentos críticos, desconstruções e fricções⁵⁰ à narrativa

and Culture, Abingdon, v. 7, n. 3, p. 421-454, 2001; FERREIRA DA SILVA, Denise. Sobre Diferença sem Separabilidade. In: VOLZ, Jochen; REBOUÇAS, Júlia (Orgs.). *32ª Bienal de São Paulo: Incerteza Viva* (Catálogo). São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, p. 57-65, 2016; FERREIRA DA SILVA, Denise. *A dívida impagável*. Tradução: Amílcar Packer, Pedro Daher. São Paulo: Oficina de Imaginação Política, Living Commons, 2019; LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, p. 8-23, 2005.

⁴⁷ FERREIRA DA SILVA, Denise. *Toward a Global Idea of Race*. Série Borderlines, vol. 27. Minneapolis: University of Minnesota, 2007.

⁴⁸ MOURA, Gustavo Goulart Moreira. Avanços em Oceanografia Humana e o socioambientalismo nas ciências do mar. In: MOURA, Gustavo Goulart Moreira (Org.). *Avanços em Oceanografia Humana: O Socioambientalismo nas Ciências do Mar*. Jundiá: Paco, p. 7-47, 2017; MOURA, Gustavo Goulart Moreira. Construção da crítica à Oceanografia Clássica: contribuições a partir da Oceanografia Socioambiental. *Revista Ambiente & Educação*, Rio Grande, v. 24, n. 2, p. 13-41, 2019; COSTA-FREDO, Gisele & FERREIRA, Washington. Onde a Educação Ambiental e a Oceanografia se (Des)Encontram?. *Revista Ambiente & Educação*, Rio Grande, v. 24, n. 2, p. 139-161, 2019.

⁴⁹

⁵⁰ emprego a fricção enquanto “resistência ao movimento relativo entre corpos em contato” no contexto da globalização (TSING, 2012, p. 1, tradução minha), isto é, o atrito inerente ao estabelecimento da narrativa hegemônica, colocada como natural, sem atrito (*friction-less*), mas que, ao contrário, torna-se universal pelo próprio engajamento com as narrativas particulares (TSING, 2012); porém, também emprego, na estrutura “f(r)icção”, enquanto atrito com a ficção universalizante do Mundo Ordenado, em diálogo com a *ficção* do Mundo apontada por Jota Mombaça.

hegemônica das/nas Ciências do Mar⁵¹. nessa perspectiva crítica, também se identificam três pilares na Oceanografia Moderna Hegemônica, a saber: o Oceanocentrismo (alusivo, no campo, ao biocentrismo da perspectiva preservacionista do socioambientalismo); a Tragédia dos oceanos (fundamentada nos moldes da Tragédia dos Comuns, visualizando-se o estado presente como referência de um “estado normal” dos “recursos naturais”); e a Monocultura dos mares (pela qual se tem uma localização epistêmica exclusiva-totalitária no conhecimento científico frente aos outros modos de conhecer)⁵².

o ponto de partida para esse modo de fazer Ciência, amplamente adotado nas Ciências do Mar, portanto, é um de descorporificação⁵³ e descontextualização⁵⁴ do sujeito, na tentativa de uma neutralidade inerente à universalidade tanto do sujeito, quanto do conhecimento por si produzido, a partir de onde a observação do objeto de pesquisa, como metodologia, torna-se não apenas privilegiada, mas, por ser tida como a mais isenta de subjetividade, é a mais poderosa, pois que o sentido da visão está vinculado, nesse sistema de visualização, à concretude do mundo (ao menos a nível macroscópico).

porém, compreendendo essa relação do sujeito do conhecimento como inserido no próprio sistema que busca compreender, – isto é, situando tanto o sujeito quanto seus saberes⁵⁵ –, cabe a pergunta (que ressoa em mim, enquanto atuante na pesquisa

⁵¹ MOURA, Gustavo Goulart Moreira. Construção da crítica à Oceanografia Clássica: contribuições a partir da Oceanografia Socioambiental. *Revista Ambiente & Educação*, Rio Grande, v. 24, n. 2, p. 13-41, 2019.

⁵² MOURA, Gustavo Goulart Moreira. Construção da crítica à Oceanografia Clássica: contribuições a partir da Oceanografia Socioambiental. *Revista Ambiente & Educação*, Rio Grande, v. 24, n. 2, p. 13-41, 2019.

⁵³ “[a] ‘ausência do corpo’ tem sido uma pré-condição do pensamento racional” (OYĒWÙMÍ, 2018, p.4).

⁵⁴ LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, p. 8-23, 2005; FERREIRA DA SILVA, Denise. Towards a Critique of the Socio-logos of Justice: The Analytics of Raciality and the Production of Universality. *Social Identities: Journal for the Study of Race, Nation and Culture*, Abingdon, v. 7, n. 3, p. 421-454, 2001; FERREIRA DA SILVA, Denise. Sobre Diferença sem Separabilidade. In: VOLZ, Jochen; REBOUÇAS, Júlia (Orgs.). *32ª Bienal de São Paulo: Incerteza Viva* (Catálogo). São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, p. 57-65, 2016; FERREIRA DA SILVA, Denise. *A dívida impagável*. Tradução: Amilcar Packer, Pedro Daher. São Paulo: Oficina de Imaginação Política, Living Commons, 2019.

⁵⁵ HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.; MOURA, Gustavo Goulart

dentro das Ciências do Mar): “[c]om o sangue de quem foram feitos os meus olhos?”⁵⁶.
se

[a] quantidade de tempo que leva para uma substância entrar no oceano e então deixar o oceano é chamada de tempo de residência (...) [e] [s]angue humano é salgado, e sódio (...) tem um tempo de residência de 260 milhões de anos⁵⁷.

cabe também questionar o que acontece com a energia dos corpos das pessoas que foram jogadas (ou, como fuga, se jogaram) dos navios da escravização, dos botes de imigração. se estamos em implicação, “[e]la continua a ciclar como átomos no tempo de residência”⁵⁸.

e, ainda, cabe questionar, a partir de um programa ético que se abre para o mundo: dentro de uma linguagem pautada pela visualidade⁵⁹, de que modo opera a estética em uma Ciência ancorada em um imaginário coletivo⁶⁰ colonizado, esvaziado, na superfície, de outras possibilidades configurativas a não ser a da plantação cognitiva⁶¹?

em face da intensificação dos processos exploratórios e extrativistas decorrentes da expansão de indústrias, do conhecimento e da extração dos denominados “recursos” aquáticos, tem-se desenvolvido no campo oceanográfico a necessidade de implementação de uma formação técnico-científica que se apresente enquanto capaz de suprir a demanda emergente por um conhecimento mais bem elaborado a respeito

Moreira. Construção da crítica à Oceanografia Clássica: contribuições a partir da Oceanografia Socioambiental. *Revista Ambiente & Educação*, Rio Grande, v. 24, n. 2, p. 13-41, 2019.

⁵⁶ HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 5, 1995, p. 25.

⁵⁷ SHARPE, Christina. *In the wake: on blackness and being*. Durham: Duke University, 2016, p. 41, tradução minha.

⁵⁸ SHARPE, Christina. *In the wake: on blackness and being*. Durham: Duke University, 2016, p. 41, tradução minha.

⁵⁹ “um termo do início do século XIX que faz referência à visualização da história (...), [e]sta [é a] habilidade para compor uma visualização [que] manifesta a autoridade do visualizador (...) [em] renovação permanente, a fim de ganhar o consentimento como o ‘normal’” (MIRZOEFF, 2016, p. 746-747).

⁶⁰ ESPIG, Márcia Janete. O conceito de imaginário: reflexões acerca de sua utilização pela História. *Revista Textura*, Canoas, n. 9, p. 49-56, 2003.

⁶¹ MOMBAÇA, Jota. *A plantação cognitiva*. Arte e Descolonização, #9. São Paulo: MASP, Afterall Research Center of University of the Arts London, 2020.

dos processos e comunidades oceânicas⁶², colocando-se com um enfoque conservacionista (isto é, focado no gerenciamento e extração estratégica e “responsável”), pautado por um viés de exploração dos “recursos” de maneira “sustentável”⁶³, que, porém, resta como um empreendimento que permanece ancorado – e ancorando – as perspectivas das Ciências do Mar dentro do mesmo paradigma que emanou as atuais crises (climática, econômica, social, global etc.). crises que, em uníssono, estão fundadas na(s) mesma(s) crise(s) de configuração onto-epistemológica de relação no/com o Mundo. crise estrutural da modernidade⁶⁴; crise de imaginação política. crise ética.

torna-se necessário, portanto, partir de uma perspectiva que compreenda que essa visualidade, enquanto linguagem própria da Ciência, não vai “desmantelar a casa-grande”⁶⁵. mais do que se apoderar das ferramentas (e permanecer na (re)encenação de valores onto-epistemológicos que “concretizaram e reificaram o direito de destruir, de acumular, de se apropriar, de diferenciar, de estudar, de resgatar, de gravar, de documentar, de salvar e de exibir”⁶⁶, e que tornam insuficiente essa configuração do exercício de Oceanografia), é necessário trabalhar nas ruínas de um modo mais criativo (poético), imaginando (como função da transformação do silêncio em ação⁶⁷) o mundo de outra(s) forma(s), os outros mundos que (ainda) existem.

⁶² KRUG, Luiz Carlos. O Ensino de Ciências do Mar no Brasil. In: CALAZANS, Danilo (Org.). *Estudos Oceanográficos: do instrumental ao prático*. Pelotas: Textos, p. 8-15, 2011.

⁶³ KRUG, Luiz Carlos. O Ensino de Ciências do Mar no Brasil. In: CALAZANS, Danilo (Org.). *Estudos Oceanográficos: do instrumental ao prático*. Pelotas: Textos, p. 8-15, 2011.

⁶⁴ LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, p. 8-23, 2005.

⁶⁵ LORDE, Audre. As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande. In: LORDE, Audre. *Irmã Outsider: ensaios e conferências*. Tradução: Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, p. 135-139, 2019b.

⁶⁶ AZOULAY, Ariella Aïsha. Undoing Imperial Modernity. In: RUBINSTEIN, Daniel (Ed.). 2020. *Fragmentation of the Photographic image in the Digital Age*. Nova Iorque: Routledge, 2020, p. 32, tradução minha.

⁶⁷ LORDE, Audre. A transformação do silêncio em linguagem e em ação. In: LORDE, Audre. *Irmã Outsider: ensaios e conferências*. Tradução: Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, p. 51-55, 2019a.

4. mais algumas bolhas

longe de estabelecer respostas concretas, mas potencializar rotas (po)éticas de fuga, possíveis para além das perspectivas de engolfamento ou morte⁶⁸ do texto colonial, tenho pensado em aproximações que vão além do diálogo entre as Ciências do Mar com outras áreas do conhecimento (especialmente as ditas Ciências Humanas e Sociais), além de uma epistemologia crítica das/nas Ciências do Mar, mas mais próximas de uma relação das (po)éticas⁶⁹ do imaginário oceânico, isto é, pensar e mover(-me por) um modo oceânico que se relacione com a poética (poiesis) enquanto força criadora (e, portanto, f(r)iccional).

abrigo(-me em) uma oceanologia do mundo implicado, tento mobilizar um logos oceânico de um mundo implicado que emerge não de um sentido de “razão”, mas que, enquanto linguagem, invista em uma abordagem baseada em outros princípios onto-epistemológicos, a saber, afetabilidade, atentabilidade, intencionalidade⁷⁰. pois só com o fim deste Mundo tal como o conhecemos será possível, talvez, mergulhar em oceanos mais fecundos.

referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução: Juliana Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AZOULAY, Ariella Aïsha. Undoing Imperial Modernity. In: RUBINSTEIN, Daniel (Ed.). 2020. Fragmentation of the Photographic image in the Digital Age. Nova Iorque: **Routledge**, p. 28-42, 2020. p. 28-42.

BITTENCOURT, Carolina Amorim da S.; ROSA, Rogério Reus Gonçalves da; MOURA, Gustavo Goulart Moreira. Festa dos Navegantes e Iemanjá: a oceanografia

⁶⁸ FERREIRA DA SILVA, Denise. Towards a Critique of the Socio-logos of Justice: The Analytics of Raciality and the Production of Universality. *Social Identities: Journal for the Study of Race, Nation and Culture*, Abingdon, v. 7, n. 3, p. 421-454, 2001.

⁶⁹ enquanto essa conjuração entre formas poéticas e éticas (FERREIRA DA SILVA & DESIDERI, 2016).

⁷⁰ FERREIRA DA SILVA, Denise. Sobre Diferença sem Separabilidade. In: VOLZ, Jochen; REBOUÇAS, Júlia (Orgs.). *32ª Bienal de São Paulo: Incerteza Viva* (Catálogo). São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, p. 57-65, 2016.

transpassada por uma episteme mitológica. In: MOURA, Gustavo Goulart Moreira (Org.). *Avanços em Oceanografia Humana: O Socioambientalismo nas Ciências do Mar*. Jundiaí: **Paco**, p. 89-120, 2017.

BONA, Dénètem Touam. *Cosmopoéticas do refúgio*. Tradução: Milena P. Duchiede. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CASTELLO, Jorge Pablo; KRUG, Luiz Carlos. *As Ciências do Mar*. In: CASTELLO, Jorge Pablo & KRUG, Luiz Carlos (Orgs.). **Introdução às Ciências do Mar**. Pelotas: Textos, p. 10-24, 2017.

COSTA-FREDO, Gisele; FERREIRA, Washington. Onde a Educação Ambiental e a Oceanografia se (Des)Encontram?. **Revista Ambiente & Educação, Rio Grande**, v. 24, n. 2, p. 139-161, 2019.

DELOUGHREY, Elizabeth. Heavy waters: waste and Atlantic Modernity. **Publications of the Modern Language Association of America**, Baltimore, v. 125 n. 3, p. 703-712, 2010.

DICKEN, Paul. *A Critical Introduction to Scientific Realism*. Londres: **Bloomsbury Academic**, 2016.

ESPIG, Márcia Janete. O conceito de imaginário: reflexões acerca de sua utilização pela História. **Revista Textura, Canoas**, n. 9, p. 49-56, 2003.

FELDHUES, Marina. Daguerreótipo, desenho e racismo científico. **Base de Dados de Livros de Fotografia**, [online], 2020. Disponível em: <http://livrosdefotografia.org/artigos/@id/12703>. Acesso em: 26 ago. 2021.

FELDHUES, Marina. Visualidade e poder: as 'cartes de visite' e os tipos raciais. **Base de Dados de Livros de Fotografia**, [online], 2021a. Disponível em: <http://livrosdefotografia.org/artigos/@id/18187>. Acesso em: 26 ago. 2021

FELDHUES, Marina. Fotografia, 'tipos raciais' e Antropologia. **Base de Dados de Livros de Fotografia**, [online], 2021b. Disponível em: <http://livrosdefotografia.org/artigos/@id/24169>. Acesso em: 26 ago. 2021.

FELDHUES, Marina; AFONSO DA SILVA JÚNIOR, José. A história do Outro em Gênesis de Sebastião Salgado: uma leitura anticolonial do capítulo Tribos de Irian Jaya, Indonesia. **Interin, Curitiba**, v. 25, n. 2, p. 111-129, 2020.

FERREIRA DA SILVA, Denise. Towards a Critique of the Socio-logos of Justice: The Analytics of Raciality and the Production of Universality. *Social Identities: Journal for the Study of Race, Nation and Culture*, Abingdon, v. 7, n. 3, p. 421-454, 2001.

FERREIRA DA SILVA, Denise. **Toward a Global Idea of Race**. Série Borderlines, vol. 27. Minneapolis: University of Minnesota, 2007.

FERREIRA DA SILVA, Denise. Sobre Diferença sem Separabilidade. In: VOLZ, Jochen; REBOUÇAS, Júlia (Orgs.). 32ª Bienal de São Paulo: **Incerteza Viva (Catálogo)**. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, p. 57-65, 2016.

FERREIRA DA SILVA, Denise. O evento racial ou aquilo que acontece sem o tempo. In: PEDROSA, Adriana; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André; SANTORO, Artur; MENEZES, Hélio; SCHWARCZ, Lília Moritz; TOLEDO, Tomás. (Orgs.). **Histórias Afro-atlânticas: vol. 2**. São Paulo: MASP, Instituto Tomie Ohtake, p. 407-411, 2018.

FERREIRA DA SILVA, Denise. A dívida impagável. Tradução: Amilcar Packer, Pedro Daher. São Paulo: **Oficina de Imaginação Política**, Living Commons, 2019.

FERREIRA DA SILVA, Denise. Pensamento fractal. Tradução: Mariana dos Santos, Nicolau Gayão. **PLURAL**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 206-214, 2020.

FERREIRA DA SILVA, Denise; DESIDERI, Valentina. Leituras (Po)éticas. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, n. 19, p. 61-70, 2016.

FLORIANO DOS SANTOS, Caio; MARTINS, Mariana Santos Lobato; MASCARELLO, Marcela de Avellar. Oceanografia Socioambiental: o que queremos com isso?. **Revista Ambiente & Educação**, Rio Grande, v. 24, n. 2, p. 41-67, 2019.

GADELHA, Kaciano. Notas de um arquivo queer. **Revista Interdisciplinaria de Estudos de Género de El Colegio de México**, México, v. 7, p. 1-20, 2021.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. **Revista ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 12-33, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação – Episódios de racismo cotidiano**. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRUG, Luiz Carlos. O Ensino de Ciências do Mar no Brasil. In: CALAZANS, Danilo (Org.). **Estudos Oceanográficos: do instrumental ao prático**. Pelotas: Textos, p. 8-15, 2011.

LAMBERT, Léopold. Introduction: The Ocean... from the Black Atlantic to the Sea of Islands. **The Funambulist: Politics of Space and Bodies**, Paris, v. 39, p. 14-15, 2022.

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – **Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, p. 8-23, 2005.

lins, lucas. uma oceanografia decolonial e cuir é possível?. In: XII ENCONTRO E DIÁLOGOS COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL (EDEA): Educação Ambiental no contexto das múltiplas crises: Que mundo queremos?, 3 a 26 nov. 2020, Rio Grande. **Anais** [...]. Rio Grande: FURG, p. 32-46, 2021.

LORDE, Audre. A transformação do silêncio em linguagem e em ação. In: LORDE, Audre. **Irmã Outsider: ensaios e conferências**. Tradução: Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, p. 51-55, 2019a.

LORDE, Audre. As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande. In: LORDE, Audre. **Irmã Outsider: ensaios e conferências**. Tradução: Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, p. 135-139, 2019b.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. Tradução: Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 32, n. 94, p. 1-18, 2017.

MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. **Revista Educação Temática Digital**, Campinas, v. 18, n. 4, p. 745-768, 2016.

MOMBAÇA, Jota. Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência. São Paulo: **Oficina de Imaginação Política**, Fundação Bienal de São Paulo, 2016.

MOMBAÇA, Jota. A plantação cognitiva. **Arte e Descolonização**, #9. São Paulo: MASP, Afterall Research Center of University of the Arts London, 2020.

MOURA, Gustavo Goulart Moreira. Avanços em Oceanografia Humana e o socioambientalismo nas ciências do mar. In: MOURA, Gustavo Goulart Moreira (Org.). **Avanços em Oceanografia Humana: O Socioambientalismo nas Ciências do Mar**. Jundiaí: Paco, p. 7-47, 2017.

MOURA, Gustavo Goulart Moreira. Construção da crítica à Oceanografia Clássica: contribuições a partir da Oceanografia Socioambiental. **Revista Ambiente & Educação**, Rio Grande, v. 24, n. 2, p. 13-41, 2019.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **Visualizando o corpo: teorias Ocidentais e sujeitos Africanos**. Tradução: wanderson flor do nascimento. [online], 2018. Disponível em: <http://tinyurl.com/tradwanflor>. Acesso em: 22 mar. 2021.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SHARPE, Christina. **In the wake: on blackness and being**. Durham: Duke University, 2016.

TSING, Anna Lowenhaupt. Frictions. In: RITZER, George (Ed.). **The Wiley-Blackwell Encyclopedia of Globalization**. Reino Unido: John Wiley & Sons, 2012.

VIEIRA, António Bracinha. Darwin e as raças humanas. **Antropologia Portuguesa**, Coimbra, v. 26/27, p. 87-96, 2010.